



***ENTRELAÇANDO MASCULINIDADES E JUVENTUDES NO PORTAL DE  
PERIÓDICOS CAPES ENTRE 2000 E 2017***

***ENTRELAZANDO HOMBRES Y JÓVENES EN LOS PORTALES  
PERIÓDICOS DE CAPES ENTRE 2000 Y 2017***

***ENTWINING MALE AND YOUTH AT CAPES PERIODIC PORTALS  
BETWEEN 2000 AND 2017***

*Francis Fonseca Oliveira<sup>1</sup>*

*Claudiene Santos<sup>2</sup>*

**RESUMO**

Estudos masculinistas são estudos de matriz feminista sobre masculinidades, que analisam relações de gênero e suas interseccionalidades. Este trabalho visou analisar quali-quantitativamente como masculinidades e juventudes são enunciadas nas produções científicas, por meio de estado da arte de artigos no Portal de Periódicos CAPES, entre 2000-2017. Assim, problematizamos posições masculinas e normas hegemônicas-homofóbicas-misóginas. Houve crescente discussão no Brasil e na América Latina, majoritariamente, nas ciências humanas e sociais. As 176 publicações encontradas foram discutidas em seis categorias, articulando os estudos de gênero na construção das identidades masculinas a diversas instâncias sociais, palco para legitimação ou processos de ruptura da masculinidade hegemônica. Os trabalhos refletem discussões interseccionais sobre (re)produções discursivas da masculinidade hegemônica que, performativamente, fabricam hierarquizações sociais. As múltiplas identidades masculinas juvenis e suas articulações nesses trabalhos, mostram que há uma produção de estudos de matriz feminista, discutindo a pluralidade das masculinidades juvenis, apontando a relevância e atualidade deste debate.

**PALAVRAS-CHAVE:** Masculinidades, Gênero, Juventude. Periódicos.

**RESUMEN**

<sup>1</sup> Mestre em Psicologia Social, Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, Sergipe, Brasil.  
francis\_fonseca@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia, Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, Sergipe, Brasil.  
claudienesan@gmail.com

Estudios masculinistas son estudios de matrices feministas sobre masculinidades que analizan las relaciones de género y sus interseccionalidades. Este trabajo investigó cualitativa y cuantitativamente cómo se expresan las masculinidades y la juventud, a través del estado del arte de artículos científicos en el Portal de Periódicos CAPES, entre 2000-2017. Hubo creciente discusión en Brasil y América Latina, principalmente en las ciencias humanas y sociales. Problematizamos las posiciones masculinas y las normas hegemónicas-homofóbicas-misóginas. Las 176 publicaciones encontradas fueron discutidas en seis categorías, vinculando los estudios de género en la construcción de identidades masculinas a varias instancias sociales, escenario para la legitimación o procesos de ruptura de la masculinidad hegemónica. Los trabajos reflejan discusiones interseccionales sobre (re)producciones discursivas de masculinidad hegemónica, que fabrican jerarquías sociales performativamente. Las identidades masculinas juveniles y sus articulaciones en estos trabajos, muestran que los estudios feministas discuten la pluralidad de las masculinidades juveniles, señalando la relevancia y actualidad de este debate.

**PALABRAS-CLAVE:** Masculinidades. Género. Juventude. Publicaciones Periódicas.

#### **ABSTRACT**

Masculinist studies are feminist matrix studies on masculinities that analyze gender relations and their intersectionalities. This work aimed to analyze qualitatively and quantitatively how masculinities and youths are stated in scientific productions, through state of the art articles in the CAPES Journal Portal, between 2000-2017. Thus, we problematize male positions and hegemonic-homophobic-misogynistic norms. There has been growing discussion in Brazil and Latin America, mostly in the human and social sciences. The 176 publications found were discussed in six categories, linking gender studies in the construction of male identities to various social instances, the stage for legitimation or processes of rupture of hegemonic masculinity. The works reflect intersectional discussions about discursive (re) productions of hegemonic masculinity that performatively fabricate social hierarchies. The multiple juvenile masculine identities and their articulations in these works show that there is a production of feminist studies, discussing the plurality of juvenile masculinities, pointing out the relevance and timeliness of this debate.

**KEYWORDS:** Masculinities, Gender, Juveniles, Periodicals.

\* \* \*

*Talvez fosse possível que uma maneira de ser homem mais humana,  
menos opressiva, pudesse se tornar hegemônica como parte de um processo  
que levaria à abolição das hierarquias de gênero.*

R. Connell e J. Messerschmidt

## Introdução

Os estudos masculinistas são estudos de matriz feminista sobre masculinidades, que analisam relações de gênero e suas interseccionalidades. A temática das masculinidades juvenis, com seus diversos marcadores sociais, como classe econômica, relações de gênero, raça e etnia, passou a nos inquietar, em razão de nossa atuação no campo da educação básica e superior. Diante disso, indagamos: quando se iniciam os estudos sobre masculinidades juvenis? Como se apresentam nos anos 2000?

Este trabalho visou analisar quali-quantitativamente como masculinidades e juventudes são enunciadas nas produções científicas, por meio de estado da arte de artigos no Portal de Periódicos CAPES, entre 2000-2017. Assim, problematizamos posições masculinas e normas hegemônicas- homofóbicas-misóginas.

Diante do crescimento dos estudos das masculinidades no país e das lacunas ainda existentes, faz-se necessário identificar quais são as tendências dessas pesquisas, organizando e sistematizando a produção existente, por meio de um estudo de revisão sistematizada e analítica da produção bibliográfica, chamado estado da arte. Buscamos identificar, analisar e categorizar de que forma os Estudos masculinistas estão entrelaçados com as juventudes em artigos, de modo a destacar o enfoque que está sendo dado às pesquisas; em quais áreas há maiores publicações e em que partes do Brasil e, fora dele, esses trabalhos estão sendo desenvolvidos. Educação

## Aporte teórico-conceituais

Assumindo um diálogo necessário com muitos campos do saber, angariamos posicionamentos de autoras pós-estruturalistas para pontuar o gênero como categoria plural (BUTLER, 2001; 2008; 2014; BENTO, 2006) e não apenas o gênero inteligível e hegemônico. Para Butler (2008), não há uma identidade por trás das expressões de gênero, há uma produção de subjetividades, performativamente constituídas por meio de ficções discursivas, que dão rosto a materialidades, produzindo substância, naturalizando-as.

Tendo como modelo de referência o patriarcado, o conceito de masculinidade hegemônica assume que, no âmbito das relações de gênero, configura-se, por meio de uma dominação masculina e de subordinação feminina (CONNELL, 1995). “El patriarcado es un sistema social en el cual los hombres gozamos de privilegio. Como los hombres somos los privilegiados, la masculinidad también lo es. La masculinidad es el

conjunto de características y roles general y típicamente asociados a los hombres” (HERNANN, 2017, p. 56). No que se refere às masculinidades, as formas de socialização de jovens são marcadas por rituais de masculinidades, reforçando aspectos de violência, agressividade, autodeterminação, que colocam o masculino hegemônico no centro das representações de poder e de dominação (WELLER, 2005).

Problematizar a hegemonia tem sido a tendência dos movimentos que fundamentam uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre as masculinidades, também chamados de "estudos masculinistas", que reiteram a concepção de re/des/construção de uma masculinidade hegemônica que "nega as diversidades próprias dos homens, que têm classes sociais, raças/etnias, orientações sexuais, graus de escolaridade diferentes. Fazem das masculinidades alternativas, vistas como subordinadas, e assim “desempoderando-as” (MEDRADO *et al.* 2004, p. 49).

Os padrões de hegemonia não se assumem como o ‘normal’, mas certamente são normativa dos corpos e práticas. “Ela [a masculinidade hegemônica] incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e, legitima ideologicamente a subordinação das mulheres aos homens (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245) e entre homens (WELZER-LANG, 2001).

Mapear esse panorama de produção sobre as masculinidades e juventudes visibiliza o quadro de desenvolvimento de perspectivas e análises, de muitos esforços de pesquisadores/as masculinistas. A produção acadêmica nos estudos de homens e masculinidades começou contemporaneamente aos estudos feministas e de gênero, desde a década de 1960. Porém, foi a partir de meados dos anos 1980, que a produção começou a ser reconhecida e passou a grandes números. Até antes do Movimento de Liberação das Mulheres, havia produção teórica sobre uma falácia dos “papéis sexuais do homem”. A psicologia social e a sociologia reconheceram a natureza social da masculinidade e as possibilidades de transformação da conduta dos homens. Porém, a conceituação de papéis ligados ao masculino logo ganharam críticas nos anos 70. Críticas baseadas em que essas determinações de papéis reforçavam padrões sexistas, tiveram como efeito uma produção de literatura que problematizasse as normas de comportamentos e efeitos homogeneizadores dos papéis sexuais (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013).

Estudos sob diversas vertentes, enunciam a pluralidade das masculinidades e as assimetrias e hierarquizações de gênero, que nascem das relações sociais (MEDRADO *et*

al., 2004; MEDRADO; LYRA, 2008; PRETTO, 2008). Desde a década de 1980, há um aumento dos estudos sobre as masculinidades, incluindo homens (CONNEL, 1995), homens trans (BENTO, 2006) e masculinidades femininas (HALBERSTAM, 1998) em discussões sobre a sexualidade e os direitos reprodutivos, reflexo dos estudos de gênero encabeçados pelos movimentos feministas (PRETTO, 2008).

Com base nas reflexões teóricas feministas e de gênero, problematizamos uma discussão sobre olhares nas culturas juvenis, não somente como espaço de re/construção conceitual, mas de experiências e visões de mundo de jovens que visem “discutir as implicações da socialização de gênero para as diferentes vivências da adolescência” (TRAVERSO-YÉPEZ; PINHEIRO, 2005, p. 147). Os olhares sobre essas questões de gênero e masculinidades perpassam toda a vida do indivíduo, todavia, na juventude, são vivenciados na relação entrelaçados a diversos fatores, entre eles, sociais, psicológicos, econômico, cultural e histórico (PERALVA, 2007)

É, portanto, situando esta pesquisa nas concepções e vivências de juventudes e masculinidades, que interrogamos categorias que permitem uma maior compreensão do mundo de referenciais, signos e significados de masculinidades juvenis, por meio do panorama de suas inserções nos escritos (PERALVA, 2007).

### **Trajatória metodológica em busca dos escritos**

Foi realizado um estado da arte, modalidade de pesquisa que sofre diversas relativizações quanto às suas concepções e limitações epistemológicas, mas que permite olhar para as publicações e analisar os conhecimentos acumulados sobre uma a área, em determinado contexto histórico e social (MELO, 2006).

Connell e Messerschmidt (2013) propõem que as análises sobre as produções teóricas das masculinidades hegemônicas sejam analisadas em três níveis: o local, o regional e o global. Cada um desses níveis refere-se a uma construção teórica que leva em consideração uma geografia das masculinidades. Essa geografia alerta que os estudos masculinistas estejam atentos às subjetividades e que, não sejam essencializadores de uma masculinidade. Atentar-se para esse viés, pressupõe que consideremos os conceitos sobre as masculinidades possíveis de serem cambiáveis, fluidos e que, ao serem conceituados, fomentem discussões nas políticas de gênero.

Neste estado da arte, procuramos fazer uma análise quanti-qualitativa da produção sobre as masculinidades e juventudes do Portal de Periódicos da Coordenação de

Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Cinco descritores foram combinados em português, inglês e espanhol: Masculinistas; Masculinidade; Juventude; Juvenil e Gênero. Como critérios de inclusão: textos completos e com acesso livre, publicados entre 2000 e 2017. Como critérios de exclusão: livros, artigos de eventos, teses, dissertações, resumos, artigos que não tivessem acesso livre, ou fugissem à temática.

A busca aconteceu nos meses de Julho de 2017 a Janeiro de 2018, aumentando a garantia de que os trabalhos de 2017 fossem disponibilizados na plataforma. Foram encontrados 364 trabalhos e, após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, selecionados 176 artigos, lidos na íntegra, por encontrarmos na literatura uma vertente que critica a produção de estado da arte, baseada apenas em leituras de resumos (FERREIRA, 2002).

Foram criadas categorias com relação aos/as autores/as, ano, periódico, local onde foi desenvolvida a pesquisa, abordagem, objetivos e principais conclusões das produções. Essas informações foram organizadas em seis categorias, organizadas pelo viés temático e subtemático (Quadro 1):

**QUADRO 1.** Categorias, quantidade de artigos e subtemas entrelaçados a masculinidades e juventudes

Categoria/ Quantidade	Subtemas
1. Identidades masculinas juvenis  62 artigos	Aborda as diversas formas de identidades sexuais e de gênero como: homossexualidades masculinas (BUTTURI JUNIOR, 2013; CAMARGO, 2014), travestilidade (ALMEIDA, 2012), masculinidade negra (CONRADO; RIBEIRO, 2017), indígena, quilombola (MAGNO; DOULA; PINTO, 2011), branca (COROSSACZ, 2014), paternidade (SOTO; AMARÍS; ROSA, 2000)

<p>2. Análises de artefatos culturais</p> <p>37 artigos</p>	<p>Apresentar conceitos sobre as masculinidades juvenis e as trajetórias de homens em livros (PIERA, 2010; ALMEIDA; BARBOSA, 2014), filmes (LLANOS, 2010; POPPE, 2015; BESSA, 2017), contos ( VIZCAÍNO,2010; GOMES; AZERÊDO, 2017), romances (MISKOLCI, 2009; ALÓS, 2013), músicas (ARISMENDES, 2004; TROTTA, 2012), fotografias (SERRANO et al., 2011) jornais (BRIGEIRO; MAKSUD, 2009) e revistas (SANTOS; PEDRO; RIAL, 2012) Vale destacar a representatividade das mídias digitais na composição dos artefatos culturais analisados nesta categoria como: <i>sites</i> de relacionamentos (ZAGO; SANTOS, 2014), canal Porta dos Fundos da plataforma do <i>YouTube</i> (FERREIRA; SOARES, 2017), perfis de <i>Facebook</i> (LINNE, 2014).</p>
<p>3. Práticas de violência e masculinidades juvenis</p> <p>29 artigos</p>	<p>Nesta categoria, a discussão versa sobre jovens homens em situação de vulnerabilização, quer por razões econômicas, educacionais, ou mesmo por ocorrência de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e gravidez (CAMARGO; FERRARI, 2009, MARQUES JUNIOR; GOMES; NASCIMENTO, 2012), uso e comércio de drogas (MONTERO et al., 2003), consumo de álcool (HUNT; LAIDLER, 2001; GARCIA; CASTRO, 2009) ou envolvimento com atos violentos (SOUSA; LIMA, 2007, ZALUAR, 2007).</p>
<p>4. Saúde sexual e reprodutiva</p> <p>21 artigos</p>	<p>Caracterizam essa categoria, trabalhos que abordam a relação de masculinidades com aspectos da saúde biológica e reprodutiva, com o processo natural de envelhecimento e perda biológica das características “viris”, por exemplo, corpos masculinos acometidos com patologias e o processo de envelhecimento (ROHDEN, 2011; TOFANI; VAZ, 2007; THIAGO; RUSSO; CAMARGO JÚNIOR,2016)</p>

<p>5. Sociabilização  16 artigos</p>	<p>Nesta categoria a discussão centra-se em masculinidades e juventudes em Pinto e Lopes (2009), Mendonça (2015), Plaza (2015) e Rábago e Aldama (2012) levantando marcadores sociais como, por exemplo, o padrão de corpo para trabalhadores sexuais, a habilidade de dançar, raça/etnia influenciando e dinamizando a pluralidade de exercício das masculinidades em diversos contextos sociais</p>
<p>6. A Educação forjando masculinidades  11 artigos</p>	<p>Nesta categoria, estão presentes trabalhos (SEFFNER, 2011; FERRER, 2016; SALES; PARAÍSO, 2011) que convergem para a discussão das masculinidades em contexto educacional.</p>

**Fonte:** Elaboração do autor e coautora

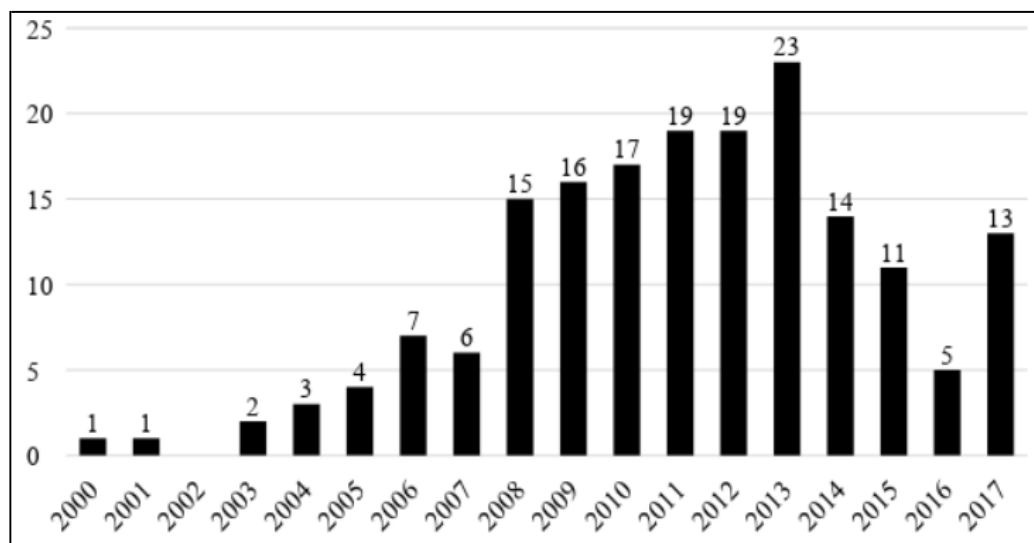
### Resultados e análises

Dos cento e setenta e seis (176) trabalhos referentes às masculinidades e juventudes, publicados na íntegra, em periódicos, no período entre 2000 a 2017, 92 foram publicados em português, 70 em espanhol e, 14 em inglês<sup>3</sup>.

Na distribuição apresentada no gráfico 1, observamos, apesar de flutuações, um aumento gradativo da número de publicações com essas temáticas, a partir dos anos 2000. Houve um aumento na produção dos estudos de masculinidades e juventude até 2013 (ano em que houve pico de produção – 23 trabalhos), diminuindo posteriormente.

<sup>3</sup> O baixo índice de trabalhos em língua inglesa pode ser reflexo dos descritores utilizados. Para essa pesquisa foi utilizado o termo em inglês “Juvenile”, que segundo o dicionário Oxford escolar (201211), significa 1. (Substantivo formal ou jurídico) jovem, menor. 2. (adjetivo formal ou Jurídico) Juvenil 3. (pej) pueril. É sabido que em inglês na linguagem informal o termo mais utilizado para juventude é “young” ou “youthful”, porém, quando utilizados como descritores na busca de artigos, foi possível perceber uma tendência desses trabalhos a fugir do objetivo, que busca analisar os estudos no viés das masculinidades e juventudes pelos estudos de gênero, assim acrescentamos a palavra “gender” aos descritores. Sendo assim, os descritores “Young” e “youth” foram descartados e, utilizado apenas o termo “Juvenile”.

**GRÁFICO 1.** Produção dos estudos masculinistas na juventude distribuídos por ano.



**Fonte:** Elaboração do autor e coautora

No ano de 2013, a Revista de Estudos Feministas<sup>4</sup>(REF) apresentou uma seção de artigos temáticos sobre as masculinidades e, é neste ano que as buscas deste estado da arte, apresentaram maior número. A REF é uma revista de considerável fator de impacto para os estudos feministas no país e América latina e, é nela que se encontra o maior número de publicações dos artigos (33 trabalhos), seguidos pela revista Ciência & Saúde Coletiva (25) e da revista Latino-americana de Ciências Sociales, Niñez y Juventud (14). Em 2017, houve aumento do número de publicações (13), o que reflete o interesse pelos estudos que integram masculinidades e juventudes no portal de periódicos da CAPES. O que se pode inferir sobre esses resultados é a tendência de problematização destes dois temas que se interseccionam e geram frutíferas discussões, tanto no meio acadêmico quanto fora dele.

A maioria das publicações foram encontradas na REF, que tem como escopo, publicações com foco nos estudos de gênero e feminismos, com enfoques interdisciplinares, com diversas metodologias e fundamentações teóricas. (INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO, 2018). Em 2013, num trabalho de mapear os perfis desta revista, Scavone (2013) encontrou 11% das publicações ligadas à REF com a temática das masculinidades, entre os anos de 1999 e 2012. Faz-se necessário reconhecer a

<sup>4</sup> Fundada em 1992, a Revista de Estudos Feministas tem circulação nacional e internacional de trabalhos com foco nas questões de gênero e feminismos. Atualmente, está integrada ao Instituto de Estudos de Gênero (INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO, 2018).

importância desta revista para o cenário nacional, uma vez que a maioria dos trabalhos deste estado da arte encontra-se nela.

Nos 176 trabalhos analisados foram encontrados 330 autores/as. Destes/as, a maioria possui vínculos com instituições nacionais (53%), 45,4% deles/as possuem vínculos com internacionais e, para 5 dos/as autores/as, não foram encontrados vínculos (1,5%).

A distribuição geográfica dos/as autores/as e locais de produção aponta a predominância de pesquisas nas regiões sudeste e sul, que encabeçam as produções por apresentarem linhas de pesquisa bem consolidadas nas áreas de gênero e sexualidade. Recorremos a um processo histórico, que evidencia a extensa produção da região sudeste e sul do Brasil, pois elas empregam Universidades Federais e Estaduais estabilizadas no cenário nacional (SIDONE et al., 2016). Porém, é preciso reconhecer a potencialidade da região nordeste no desenvolvimento de pesquisas com o eixo temático de gênero, sendo a segunda região em número de autores/as. Nas últimas décadas, houve uma ampliação e fortalecimento de ações e pesquisas na região nordeste como os encontros da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero, criada em 1992, o Núcleo de Pesquisa em Gênero e Masculinidades (GEMA/UFPE), o Instituto PAPA/Recife, o Núcleo de Pesquisas Família, Gênero e Sexualidade (FAGES/UFPE), entre outros (MEDRADO; LYRA, 2015) e, o Grupo de Pesquisa, Gênero, Sexualidade e Estudos Culturais/GESEC/UFS/CNPq, da Universidade Federal de Sergipe, criado em 2011.

Na configuração desta pesquisa percebemos a contribuição de autores/as internacionais (150), principalmente os/as da América Latina<sup>5</sup> (55,3%), Espanha e Estados Unidos (que somam 45 autores/as) na produção sobre masculinidades e juventudes. O que se encontra como tendência, desde as pesquisas de Olavarria (2003), é o pioneirismo dos estudos com matriz feminista na discussão de homens e masculinidades da América Latina. O autor encontrou número crescente de publicações de autores/as latino-americanos/as e caribenhos/as, entre os anos de 1990 a 2002. O México aparece como local com maior presença de estudiosos/as na área de masculinidades e juventudes, neste trabalho. O país sediou a primeira edição do Colóquio

<sup>5</sup> México, Colômbia e Chile apresentaram maior destaque em publicações com estas temáticas.

Internacional de *Estudios sobre Varones y Masculinidades* na cidade de Puebla e, a análise de caracterização desses estudos no México, Noriega (2017, p. 18) apresenta que,

[...] si bien tienen antecedentes históricos remotos, se articula de manera clara y decidida en el campo académico de género hasta 1990 y ha sido claramente condicionado en sus características y su evolución tanto por los debates históricos sobre identidad y machismo, como por las preocupaciones feministas en torno a la salud reproductiva, la violencia y la vida familiar, así como por las preocupaciones del colectivo LGBTTI sobre diversidad sexual, homofobia y VIH-Sida. Al mismo tiempo se advierte un fuerte interés en los temas teóricos y en una variedad de temas emergentes.

Dessa maneira, mesmo apresentando características semelhantes aos outros países do continente, como as recentes publicações nesta área, o México desponta em quantidade de autores/as, por manter uma multiplicidade de pesquisas nas áreas de masculinidades e juventude, em temas com variedade de público e perspectivas teóricas.

Ressaltamos que a rede criada pelo Instituto de Estudos de Gênero/IEG (UFSC), conta com núcleos de estudos de gênero no Brasil e, também abrange núcleos de outros países da América Latina. Por esse motivo é que também observamos, a publicação de trabalhos com expressivo número de autores/as latinos/as.

Em relação às áreas dos trabalhos que aparecerem nos resultados desta pesquisa, houve uma predominância nas áreas de ciências humanas (90) e sociais(45). Sobre essa predominância, Connell e Messerschmidt (2013) apontam para perspectivas que não essencializem ou homogeneizem o conceito plural e permeado por diversas regulações socioculturais, que são as masculinidades. Além disso, abrem campo para a análise de performatividade de gênero e suas interseccionalidades (raça/etnia, classe, idade, religião).

Assim como nos estudos masculinistas, para a percepção das juventudes como plurais, as vertentes das ciências sociais e humanas trazem a discussão dos corpos juvenis e os diversos marcadores sociais, que produzem juventudes tão diversas quanto possíveis. As vivências e práticas juvenis vão perpassar vários marcadores sociais como raça/etnia, vulnerabilidade, *status* social, gênero, entre outros (CATANI; GILIOLI, 2008). Ao encontrar uma associação com diversos marcadores sociais, os escritos apresentaram uma perspectiva de análise que viabiliza as articulações plurais nos processos de desenvolvimento de masculinidades juvenis e sob o olhar dos Estudos Culturais, como são construídas e negociadas dentro de um específico contexto.

Quanto aos objetos de estudos das pesquisas e ensaios teóricos encontrados, foram colocados em categorias que aproximam seus objetivos de estudo, sem repetição entre os grupos. O que alertamos é que, ao costurarmos as juventudes e masculinidades, as análises se imbricaram com os objetivos de cada estudo. Assim, embora os trabalhos não se repitam nas categorias, alguns possuem percepções múltiplas, sendo assim colocados em uma categoria por sua predominância.

Muitas pesquisas apresentam e problematizam um reflexo do patriarcado e do machismo como formas de reforço da hegemonia masculina (GALINDO, 2005; SEFFNER 2011; CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). Essa característica foi percebida em trabalhos que apontam para o pensamento crítico feminista nas vozes de mulheres (BARCINSKI, 2009), homens gays (GALLEGO, 2011), trabalhadores rurais (BENQUET, 2003), trabalhadores da construção civil (CERQUEIRA-SANTOS et al. ,2012), profissionais do sexo (RÁBAGO; ALDAMA, 2012), jovens e adolescentes (BORDINI; SPERB, 2012), travestis (NASCIMENTO, 2014), mulheres e homens com câncer (respectivamente, FOSTER, 2004; TOFANI; VAZ, 2007), entre outros.

Assim como o trabalho de análise sistemática de literatura sobre as teses e dissertações com homens e masculinidades no portal de periódicos da CAPES, entre os anos 2000 e 2015, por Sulz e Cardoso (2016), percebemos que as obras analisadas apresentavam linguagens que apontam para reflexões críticas sobre o papel da cultura na construção das identidades masculinas juvenis. Em geral, críticas ancoradas em um plano de fundo hegemônico de corpo e sexualidade em que se “valoriza e normatiza a agressividade, frieza e insensibilidade emocional (e até física) e que se distancia de uma possível feminilidade” (SULZ; CARDOSO, 2016, p. 66).

Com esses aspectos gerais, construímos seis categorias, que apresentam os trabalhos e discussões sob o mesmo viés temático.

### **1. Identidades masculinas juvenis**

Nesta categoria, os trabalhos se propõem a investigar as relações de poder em espaços sociais, históricos e econômicos específicos, discorrem sobre as múltiplas formas de masculinidades e, destacam sob quais relações se constroem identidades masculinas juvenis. A identidade masculina homossexual, por exemplo, é discutida, nas obras encontradas, associada a características de homofobia e misoginia, uma vez que ela é considerada como expressão de subalternidade em relação à hegemônica e, os indivíduos

que a vivenciam entendem, percebem, significam e decodificam as marcas dos/as “outros/as” por intermédio do que se apresenta corporalmente, pelas maneiras de agir, nos gestos, comportamentos e modos que se expressar (LOURO, 2000).

Nos artigos, houve a relação da juventude com *performances* de gênero masculinas, que por diversos recortes são reiteradas a fim de garantir *status* hierárquicos de poder. Ao reforçar discursivamente por meio de atos viris e de dominação, jovens masculinos performatizam a hegemonia masculina, como promotora de benefícios. Como essas construções relacionais e descontínuas estão na ordem do dia e distribuídas em uma rede capilar, se difundem e legitimam a masculinidade hegemônica (CONNELL, 1995).

A discussão interseccional nos estudos de identidades masculinas juvenis foi bastante evidenciada, nos trabalhos analisados, em relação aos marcadores sociais de classe e raça/etnia. Não obstante, houve diversos modelos de masculinidades juvenis problematizados, relativizados e colocados em questão, o que desvela o esforço de estudos de matriz feminista na discussão sobre a pluralidade das masculinidades juvenis.

A tímida associação de trabalhos sobre o exercício parental pode levar à consideração de que, a área de estudos sobre paternidades, vem ganhando reconhecimento no meio acadêmico. Porém, é possível que os descritores usados não tenham sido suficientes para abarcar os estudos sobre as paternidades juvenis.

## 2. Análises de artefatos culturais

Nesta categoria as obras encontradas apresentaram a discussão dos estudos masculinistas em artefatos culturais e como são permeadas por marcadores, que potencializam suas características pedagógicas sobre masculinidades e juventudes, em determinado contexto histórico, social e cultural. É neste viés sobre a capacidade de produção de sentidos que os trabalhos desta categoria se encontram.

Os estudos se propõem a perceber as características pedagógicas, que perpassam pelos enunciados e constroem discursos sobre as masculinidades, que podem se apresentar sob formas emancipatórias ou hegemônicas. “Tais discursos são resultados de práticas que os precedem, atualizam e multiplicam” (RENOVATO et al., 2009, p. 1607). Quando Paraíso (2004) localiza a criação de sentidos divulgados pelos artefatos culturais, assinala um caráter pedagógico que pode legitimar ou criar processos de rupturas nos significados sobre os corpos, gênero, sexualidade etc. Problematizar esses aspectos tem sido uma tendência nos estudos de gênero, principalmente, por que, de maneira geral, são

lugares privilegiados na circulação de conceitos e sentidos. Elas operam na construção das identidades, sejam elas em âmbito individual ou social. Além disso, podem operar na re/produção de perspectivas inclusivas ou excludentes de identidades (FISCHER 2007).

A discussão interseccional dos trabalhos sobre masculinidades juvenis em marcadores sociais como o padrão físico, virilidade e força, distribuídos em diversos artefatos culturais apontam para um campo de (re)produção da hegemonia. A distribuição de elementos hegemônicos em artefatos culturais pode ser reforçadora de atributos discursivos importantes nos processos de regulação do corpo juvenil para a garantia, ou ao menos a disputa, de *status* hierárquicos de poder. Em diversas estruturas textuais e propagandísticas a masculinidade viril e heteronormativa reforçam discursos hegemônicos que podem servir, como pedagogias culturais para a construção de masculinidades.

### 3. Práticas de violência e masculinidades juvenis

Ao masculino, a violência se apresenta como uma forma social de poder. Ela é uma garantia, ou até estratégia de empoderamento masculino (CORNEAU, 1995). Porém, o comportamento agressivo traz consigo ônus para os/as autores/as de violência. A adoção de práticas violentas gera graves danos à saúde física e emocional para eles/as e para os/as outros/as, além de ser geradora de potenciais problemas sociais, como vulnerabilização, prisão e exclusão social. Esses ônus foram os temas centrais dos trabalhos nesta categoria.

A temática da vulnerabilização aponta para a construção sócio-cultural do trinômio juventude-vulnerabilidade-masculinidade. Ao encontrar esses termos associados, percebemos o esforço dos estudos acadêmicos para compreender as particularidades desta categoria de análise, uma vez que ela alerta para a necessidade de ampliar o campo de pesquisa sobre as práticas de violência nas construções sobre as masculinidades juvenis, nas diversas relações sociais que os vulnerabilizam. Entre esses valores estão a virilização dos corpos masculinos com definição muscular, a imposição de medo, a *performance* agressiva e raivosa e, até a banalização do uso de armas como estratégias de hierarquização nas relações (NOLASCO, 2001). A naturalização das violências nos contextos sociais é palco das discussões nas produções deste estado da arte, já que não estão restritas ao binômio homem-mulher, mas, se configuram também nos processos de sociabilização masculina. Nessas relações, os/as agressores/as

conquistam (ou tentam) posições de privilégio em detrimento de outros/as, reforçando um aspecto comum da masculinidade hegemônica: a brutalidade.

#### 4. Saúde sexual e reprodutiva

Como visto em outras categorias, a virilidade masculina na juventude é ancorada ao imaginário social, como característica de privilégio e poder. Ao reforçar o binômio juventude-virilidade, corpos masculinos repetem discursivamente *performances* de saúde sexual e reprodutiva, a fim de permanecer em uma posição de privilégio hierárquico, que é sentir-se saudável e sexualmente potente. A potência sexual serve como catalizadora de hierarquia discursiva no cenário social, e por esse motivo, o reforço performático agencia esse jogo de reafirmação hegemônica.

A discussão sobre a saúde, outra vertente encontrada nesses estudos, foi percebida como de caráter médico-higienista e biologicista (FURLANI, 2005). Parte dos trabalhos encontrados discutiram as representações do corpo e as vulnerabilizações da prática sexual como o desenvolvimento de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e uso de métodos contraceptivos entre adolescentes e jovens. Trazer a sexualidade a um contexto de perigo e cuidado pode ser problemático, pois, ela pode acrescentar bloqueios a uma educação sexual que promova o cuidado e autoproteção, o que Furlani (2005) caracteriza como enfoque biomédico- higienista. Assim, se reforçam padrões higienistas sobre o corpo, que silenciam modos e sujeitos em padrões repressivos sobre o sexo, configurando “um viés apenas moralista que visa provocar medo, insegurança e abstinência, mas não a conscientização e a consequente mudança atitudinal de maneira engajada e autônoma” (SANTOS; RIBEIRO; OLIVEIRA, 2011, p. 5).

O mito do corpo juvenil como sinônimo de saúde vende e naturaliza corpos desejáveis, principalmente às masculinidades. No cenário social, a condição de correr riscos, ser provedor, ativo e dinâmico reforçam o padrão hegemônico das masculinidades, mesmo que se ponha em risco a própria condição de saúde, seja ela sexual ou não. Nas discussões sobre a vulnerabilização a que a categoria das juventudes, sistematicamente, é associada, os jovens homens, constituídos por regulações sociais de diversos vieses, associam a garantia da masculinidade ao descuido do corpo (não indo ao médico, ou recusando tratamentos e exames, por exemplo), mas, paradoxalmente, recorrem à esperança de um corpo juvenil como capital sexual, capaz da promoção de posições hierárquicas e de domínio. (Re)pensar criticamente os efeitos que estas associações

criam, pode servir para a promoção de políticas de discussão, no campo acadêmico e fora dele, que fomentem a problematização do binômio juventude-saúde relacionados às masculinidades, ultrapassando essa dimensão e integrando-a à cultura e a outros marcadores sociais.

## 5. Sociabilização

Aqui, nos preocupamos em estabelecer uma relação entre o ambiente social e as discussões sobre homens e masculinidades. Welzer-Lang (2001), destaca que os processos de sociabilização de meninos perpassam por ensinamentos e reproduções da ordem hegemônica. Esses ambientes são tão possíveis quanto existentes e as performatividades (re)produzidas e disseminadas, cooperam para a manutenção da ótica hierárquica de gênero. Assim, os trabalhos nesta vertente, permitem identificar por quais enunciados sociais se constroem discursos sobre as masculinidades e como eles fabricam discursos de privilégio de identidades, em detrimento de outras. Associando classe social e cor/raça/etnia, os trabalhos tratam da valorização masculina de homens em diversos ambientes. A *performance* desempenhada por esses jovens em contextos locais, favorece os processos de posicionamento hierárquico como por exemplo, entre aqueles que sabem dançar no baile Charme (CECCHETTO; MONTEIRO, 2012). Além das discussões sobre subjetividade e masculinidade de jovens do sexo masculino pertencentes às camadas populares, a partir das relações de sociabilidade, vividas por eles (RISK; ROMANELLI, 2008).

Os processos de sociabilização são aos estudos masculinistas entrelaçados com a juventude, uma vez que imersos em processos sociais, historicizados e interpelados por artefatos culturais se reproduzem e se redefinem práticas discursivas sobre as masculinidades e juventudes. Analisar essas produções pode possibilitar entender os modos pelos quais as masculinidades juvenis locais, regionais e globais são distribuídas e os processos que as articulam e interseccionam.

## 6. A Educação forjando masculinidades

Os espaços educacionais são ambientes de construção das noções de gênero sobre masculinidades e, a produção desses saberes pode instituir, segregar, normatizar os corpos mas, também pode ser frutífero, ao favorecer uma educação capaz de problematizar e desnaturalizar as assimetrias de gênero (FURLANI, 2009; SANTOS;

RIBEIRO, OLIVEIRA, 2011). Discutindo sobre as práticas de gênero na educação, os trabalhos refletiram sobre a reiteração do patriarcado nas práticas educacionais, problematizaram os conceitos falocêntricos e patriarcais de gênero, naturalizados na escola e, a maneira como eles servem para compor um panorama das práticas escolares “sublinhando a importância dos processos performativos que constituem gênero, corpo e heterossexualidade como constructos culturais marcados pela historicidade” (ALÓS, 2011, p.421). Estudos que propõem que se borrem os limites de inteligibilidade sobre os gêneros, a fim de implodir a categorização sistemática dos corpos, podem servir de ampliação para as propostas de intervenção no ambiente escolar e em tantos outros, uma vez que “o primeiro aspecto de uma pedagogia *queer* escolar consista na crítica desconstrutiva da educação dominante que apresenta a heterossexualidade como identidade hegemônica, compulsória e incontestável” (FURLANI, 2005, p. 240).

Destacamos também que foi encontrado em Artes e Carvalho (2010) uma análise da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD) de 2006, na qual os resultados indicam que, a necessidade do trabalho prejudica o percurso escolar de jovens meninos e os afazeres domésticos, de forma mais sutil, para as meninas. Esses dados refletem uma análise entre as categorias ‘classe’ e ‘gênero’ e como elas se interseccionam no cenário nacional sobre a evasão escolar de jovens. Ao requerer do masculino o papel de provedor no imaginário social, cria-se uma relação de responsabilização, aos jovens homens, de manterem uma alta produtividade econômica, precarizada pela baixa escolarização e formação profissional.

O que acontece, ao se reproduzir esse conceito hegemônico, é o acelerado processo de evasão escolar por parte de jovens homens. Associando o padrão de gênero às camadas mais desfavorecidas da classe econômica, gera-se uma dualidade recorrente, que potencializa o processo de evasão escolar: homens e pobres. A realidade apresentada nesse estudo, reitera a lógica da divisão binária de gênero, por meio da divisão do trabalho na qual a obrigatoriedade do *status* social de “provedor do lar” é reforçado e, sistematicamente, reproduzido no meio cultural para os homens, levando-os ao abandono escolar (ARTES; CARVALHO, 2010). A percepção da divisão de trabalho na lógica binária não é apenas reforçadora da hegemonia sobre as masculinidades juvenis mas também às mulheres, na obrigatoriedade dos cuidados do lar e dos/as filhos/as.

### Considerações finais

As publicações encontradas trouxeram para o campo das masculinidades, um debate acerca da hegemonia discursiva, produzida culturalmente. A reiteração da heteronormatividade, as relações de poder sobre a dominação masculina em discursos machistas, misóginos, homofóbicos e de recusa às identidades femininas compuseram uma tendência nos estudos masculinistas: a problematização de hierarquias de poder nas masculinidades. O reforço da masculinidade hegemônica em trabalhos que debateram iniciação sexual, masturbação e virilidade, enunciaram discursos (re)produzidos na/pela cultura por sujeitos masculinos, mostrando como tais (re)produções culturais vão sendo importantes no processo de legitimação das normas regulatórias de gênero.

A interseccionalidade na produção de trabalhos que articularam gênero e juventudes a outros marcadores sociais como classe e raça/etnia evidenciaram uma tendência nos artigos disponíveis na plataforma de periódicos CAPES no período de 2000 a 2017. Nos estudos dessa natureza, a problematização de vieses plurais na re/construção de identidades masculinas refletem múltiplos olhares sobre como estão sendo negociadas, em distintos cenários, as produções de características ditas hegemônicas.

Ao serem problematizados em diversas publicações, os artefatos culturais sobre masculinidades juvenis mostraram a cultura, no caráter pedagógico de reforço e ruptura de cristalizações, em torno das masculinidades. Em processos sociabilizatórios, reconhecemos também a problematização de discursos hegemônicos, que podem provocar fissuras nas representações da masculinidade hegemônica ou reproduzi-las.

Nos escritos, as práticas de violência de jovens masculinos levaram a vulnerabilizações que expõem os corpos a práticas violadoras da integridade física e emocional, na tentativa de garantir o título (que, constantemente, precisa ser reforçado e legitimado) de virilidade, força, potência sexual e saúde reprodutiva. Essas práticas performativas instauram a ótica machista e hegemônica do que a violência e o descuido com o corpo atestam (ou prometem atestar): o ideal de masculinidade.

Em relação às óticas sobre as juventudes, muitos estudos não abordaram teoricamente suas concepções sobre o tema, mas as interpretações levam a considerar que esta categoria esteve vinculada, principalmente, ao conceito de idade cronológica. Significando que a percepção encontrada em muitos artigos é uma associação da faixa etária, como molde único (ou principal) na discussão sobre as juventudes. Problematizamos a etarização, pois consideramos um viés de interação no processo de

constituição das juventudes muito importante: o reconhecimento de sua pluralidade, em razão de fatores e dos vários marcadores culturais, que ultrapassam apenas a idade.

Por outro lado, em vários trabalhos, as produções de saberes, práticas e *performances* juvenis vão além do contingente temporal e emergem da relação entre instâncias de regulação sociais diversas, como o recorte político, econômico, de classe e gênero, em saberes locais e contingenciais. A presença de uma pluralidade de estudos sobre jovens masculinos aponta para a visualização da juventude como categoria plural e, portanto, o termo juventudes, por sua significação mais ampla (ao invés de adolescência). Nas diversas entrelinhas dos escritos deste estado da arte, percebemos que a dinâmica com vários marcadores sociais, promovem um olhar que valoriza a construção subjetiva das juventudes, assim, chamadas de culturas juvenis.

Paradoxalmente à etarização encontrada nos escritos, a concepção de culturas juvenis abarcou frutíferas problematizações nos trabalhos deste estado da arte, foram encontrados trabalhos que versaram sobre a problematização das construções masculinas na juventude em diversos espaços sociais. No corpo de nossa análise, encontramos como foco de pesquisa jovens negros, quilombolas, indígenas, asiáticos, LGBT, mulheres, trabalhadores da construção civil, profissionais do sexo, idosos, na realidade *online*, em outros artefatos culturais. Tal multiplicidade de realidades e o potencial de discussão levam a considerar, que há uma produção teórica que se preocupa com reflexões sobre as diversas realidades de jovens masculinos, abarcando também a interculturalidade.

Portanto, o entrelaçamento de masculinidades e juventudes em publicações no Portal de Periódico da CAPES, nos últimos 17 anos, foi capaz de fomentar discussões profícuas para ampliar os olhares e percepções de categorias que, de maneira sutil, estão sendo formadoras de problematizações necessárias no debate da agenda pró-feminista e de gênero em escalas local, regional e global.

## Referências

ALÓS, A. P. Gênero, epistemologia e performatividade: estratégias pedagógicas de subversão. *Estudos Feministas*. Florianópolis, 19(2): 336, 2011 p. 421.

ARTES, A. C. A; CARVALHO, M. P. O trabalho como fator determinante da defasagem escolar dos meninos no Brasil: mito ou realidade? *Cadernos pagu* (34), 2010, p. 41-74.

- BARCINSKI, M. Centralidade de gênero no processo de construção da identidade de mulheres envolvidas na rede do tráfico de drogas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(5), 2009, p. 1843-1853.
- BENQUET, F. M. Crisis cafetalera y migración internacional en Veracruz. *Migraciones internacionales*, v. 2, n. 2, 2003, p. 121-148.
- BENTO, B. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro, Garamond, p.2006.
- BORDINI G. S; SPERB, T. M. Concepções de Gênero nas Narrativas de Adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25 (4), 2012, 738-746.
- BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In LOURO, G. L. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte, Autêntica, 2001, pp.151-172.
- BUTLER, J. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*; Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2ª ed, 2008.
- CATANI, A. M.; GILIOLI, R. de S. P. *Culturas juvenis: múltiplos olhares*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- CERQUEIRA-SANTOS, E; DESOUSA, D. A; MELO NETO, O. C; ROCHA, A. C. Sexualidade do Trabalhador da Construção Civil: Percepções sobre a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25 (3), 2012, p. 578-587.
- CONNELL, R. W. *Masculinities: Knowledge, power and social change*. Berkeley/Los Angeles: University of Califórnia Press, 1995.
- CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W.; Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n.1, p. 245, 2013.
- CORNEAU, G. Paternidade e masculinidade. In: NOLASCO, S. *A desconstrução do masculino*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1995.
- CECCHETTO, F; MONTEIRO, S; VARGAS, E. Sociabilidade juvenil, cor, gênero e sexualidade no baile charme carioca. *Cadernos de Pesquisa* v.42 n.146, 2012, p.454-473.

- FERREIRA, N.S.A.; As pesquisas denominadas “Estado da Arte”. *Educação & Sociedade*, 79, 2002.
- FISCHER, R. M. B. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. *Rev. Bras. Educ.* p.290-299. 2007.
- FURLANI, J. “O bicho vai pegar!”: um olhar pós-estruturalista à Educação Sexual a partir do livro paradidático infantil. [Doutorado em Educação]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.
- FURLANI, J. Direitos Humanos, Direitos Sexuais e Pedagogia *Queer*: o que essas abordagens têm a dizer à Educação Sexual? In JUNQUEIRA, Rogério Diniz. *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia na escola*. 1ª. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.
- GALINDO, S. H. C. Reflexionando sobre la inequidad de género: aprendizaje en colaboración y escritura desde la experiencia. *Revista de Estudios Sociales* n. 20, 2005, p. 45-67.
- GALLEGO, G. Primera experiencia homoerótica en varones em la ciudad de México. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, v. 9, n. 2, 2011, p. 913- 928.
- HALBERSTAM, J. *Female Masculinity*. Durham: Duke University Press, 1998.
- HERNANN, A. Cuatro consejos desde la trinchera de los aliados feministas. In: *No nacemos machos: Cinco ensayos para repensar el ser hombre en el patriarcado*. Ediciones la social, Ciudad De México, p. 56, 2017.
- IEG- Instituto de estudo de gênero. Disponível em: < <http://www.ieg.ufsc.br/index.php>>. Acesso em: 12 jul. 2018.
- LOURO, G.L.; (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- MEDRADO, B.; FRANCH, M.; LYRA, J.; BRITO, M.; *Homens, tempos, práticas e vozes*. Recife: Fages/Papai/Nepo-Unicamp, p.49, 2004.

- MEDRADO, B.; LYRA, J.; Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. *Rev. Estud. Fem.* vol.16, n.3, 2008. p. 809-840.
- MEDRADO, B; LYRA, J. *Produzindo memórias para alimentar utopias: narrativas sobre uma organização feminista que, desde 1997, ousa trabalhar com homens e sobre masculinidades.* Recife: Instituto PAPAI, 2015.
- MELO, M. V. Três décadas de pesquisa em educação matemática: um estudo histórico a partir de teses e dissertações. 2006. 273 f. *Dissertação (Mestrado)* – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- NASCIMENTO, S. S. Corpo-afeto, corpo-violência: experiências na prostituição de estrada na Paraíba. *Revista Ártemis*, v. 18 nº 1, 2014. p. 69-86.
- NOLASCO, S. *De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais.* Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2001.
- NORIEGA, G. N. Caracterización de los estudios de género de los hombres y las masculinidades en México: 1990-2014. In: VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE HOMENS E MASCULINIDADES, 2017, Recife. *Livro de resumos.* Recife: GEMA/UFPE, Instituto PAPAI, IFF/Fiocruz, Instituto Promundo e MenEgaje Brasil, 2017.
- OLAVARRÍA, J. Los estudios sobre masculinidades en América Latina. Un punto de vista. *Anuario Social y Político de América Latina y El Caribe - Año 6 – 2003.*
- PARAÍSO, M. A.; Contribuições dos estudos culturais para a educação. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v. 10, n.55, p. 53-61, 2004.
- PERALVA, A. T.; O jovem como modelo cultural. In: FÁVERO, O.; SPÓSITO, M. P.; CARRANO, P.; NOVAES, R. R.; *Juventude e Contemporaneidade.* Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007.p. 13 – 27.
- PRETTO, J. O velho atualizado, o novo reinventado: homens, masculinidade tradicional hegemônica e relações amorosas. In: LAGO, M. C. S; TONELI, M. J. F; BEIRAS, A; VAVASSORI, M. B; MULLER, R. C. F. (org) *Gênero e pesquisa em psicologia social.*São Paulo. Casa do psicólogo, 2008.

- RÁBAGO, N. L.B; ALDAMA, R, G. Los espacios de la prostitución en Tijuana: turismo sexual entre varones. *Región y sociedade*, 24 n. 55. 2012, 81-130.
- RENOVATO, R. D; BAGNATO, M. H. S; MISSIO, L. MURBACK, S. E. S. L; CRUZ, L. P; BASSINELLO, G. A. H. Significados e sentidos de saúde socializados por artefatos culturais: leituras das imagens de advertência nos maços de cigarro. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14, 2009, p. 1607.
- RISK, E. M; ROMANELLI, G. Sociabilidade grupal entre jovens de camadas populares: subjetividade e gênero. *Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo*. v. 9, n. 2, 2008, pp. 56-67.
- SANTOS, C; RIBEIRO, C. O; OLIVEIRA F. F. Ações do PRODOCÊNCIA/CAPES/2011- conhecer para intervir: análise de concepções prévias de docentes sobre sexualidade, gênero e educação sexual em Aracaju. In: VI Simpósio Internacional O Estado E As Políticas Educacionais No Tempo Presente, 2011, Uberlândia. *Anais... Uberlândia*, Universidade Federal De Uberlândia, 2011, p.5.
- SEFFNER, F. Um bocado de sexo, pouco giz, quase nada de apagador e muitas provas: cenas escolares envolvendo questões de gênero e sexualidade. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 19(2): 336, 2011 p. 561-572.
- SIDONE, O. J. G; HADDAD, E. A; MENA-CHALCO, J. P. A ciência nas regiões brasileiras: evolução da produção e das redes de colaboração científica. *TransInformação*, Campinas, 28(1) 2016, 15-31.
- SULZ, J. A; CARDOSO, F. A. Educação e políticas de masculinidades: 15 anos das produções dos estudos de gênero (2000-2015). *Revista Ártemis*, Vol. XXII nº 1; jul-dez, 2016. pp. 63-72.
- TOFANI, A. C. A; VAZ, C. E. Câncer de Próstata, Sentimento de Impotência e Fracassos ante os Cartões IV e VI do Rorschach. *Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology*, v. 41, n. 2, 2007, p. 197-204.
- TRAVERSO-YÉPEZ, M. A.; DE SOUZA PINHEIRO, V. Socialização de gênero e adolescência. *Revista Estudos Feministas*, vol. 13, n. 1, janeiro-abril, 2005, p. 147.

WELLER, W. Gênero e juventude. *Revista Estudos Feministas*, v. 13, n. 1, p. 103-106, 2005.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*. Ano 9, v.2, 2001, p. 460- 482.

Recebido em outubro de 2019.

Aprovado em dezembro de 2019.

Revista  
Diversidade  
e Educação